

# ESCRITA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: PRODUÇÃO DE SABERES NO POLO AGROALIMENTAR DA UNEAL

WRITING AND TECHNOLOGICAL INNOVATION: KNOWLEDGE PRODUCTION  
IN UNEAL'S AGRO-FOOD HUB

ESCRITURA E INNOVACIÓN TECNOLÓGICA: PRODUCCIÓN DE SABERES EN  
EL POLO AGROALIMENTARIO DE LA UNEAL

Maria José dos Santos Simplício<sup>1</sup>  
Silvone Lavínia da Rocha Souza<sup>2</sup>  
Sanadia Gama dos Santos<sup>3</sup>

DOI: 10.29327/revista-interdisciplinar-extensao-cultura-caetana.1437530

## Resumo

Este estudo apresenta uma análise reflexiva do projeto Escrita e Inovação Tecnológica: Produção de Saberes, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL). Desenvolvido no Polo Agroalimentar da UNEAL, o projeto articula ensino, pesquisa e extensão na promoção da leitura, da escrita e na valorização dos saberes de trabalhadores rurais. O objetivo é compreender as contribuições formativas do processo de sistematização de experiências, bem como analisar o papel da escrita como tecnologia social capaz de transformar, promover inclusão e integrar conhecimentos acadêmicos e populares. O estudo adota abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa-ação crítica, compreendida, conforme Franco (2005), como processo dialógico e formativo que envolve pesquisadores e participantes. Ancorado nos Novos Estudos do Letramento (Street, 2010;2014), é evidenciado que o projeto reconhece autoria, voz e experiência dos sujeitos na produção do conhecimento. Através de conversas, oficinas e práticas coletivas de escrita, observou-se que o trabalho fomenta o diálogo, fortalece identidades e amplia o protagonismo social dos participantes.

**Palavras-chave:** Letramento; Escrita; Tecnologia; Inovação; Ensino-Pesquisa-Extensão.

1 Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Arapiraca, AL, Brasil. Graduanda em Letras Português, e-mail: maria.simplicio.2022@alunos.uneal.edu.br

2 Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Arapiraca, AL, Brasil. Graduanda em Letras Português, e-mail: silvone.souza.2022@alunos.uneal.edu.br

3 Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Arapiraca, AL, Brasil. Doutora em Linguística, e-mail: sanadia.santos@uneal.edu.br



## Abstract

This study provides a reflective analysis of the project Writing and Technological Innovation: Knowledge Production, supported by the Alagoas State Research Support Foundation (FAPEAL). Developed at UNEAL's Agri-Food Center, the project integrates teaching, research, and extension activities. It aims to promote reading, writing, and the appreciation of the knowledge held by rural workers. The objective is to understand the formative contributions for students and the community, as well as to analyze the role of writing as a social technology capable of transforming experiences, fostering inclusion, and integrating academic and popular knowledge. The study adopts a qualitative approach grounded in critical action research, understood, according to Franco (2005), as a dialogical and formative process involving both researchers and participants. Anchored in the New Literacy Studies (Street, 2010; 2014), it is evident that the project recognizes the authorship, voice, and experience of the subjects in the production of knowledge. Through conversations, workshops, and collective writing practices, it was observed that the work fosters dialogue, strengthens identities, and expands participants' social protagonism.

**Keywords:** Literacy; Writing; Technology; Innovation; Teaching-Research-Extension.

## Resumen

Este estudio presenta un análisis reflexivo del proyecto Escritura e Innovación Tecnológica: Producción de Saberes, apoyado por la Fundación de Amparo a la Investigación del Estado de Alagoas (FAPEAL). Desarrollado en el Polo Agroalimentario de la UNEAL, el proyecto articula la enseñanza, la investigación y la extensión en la promoción de la lectura y la escritura, así como en la valorización de los saberes de los trabajadores rurales. El objetivo es comprender las contribuciones formativas del proceso de sistematización de experiencias, así como analizar el papel de la escritura como tecnología social capaz de transformar, promover la inclusión e integrar conocimientos académicos y populares. El estudio adopta un enfoque cualitativo, fundamentado en la investigación-acción crítica, entendida, según Franco (2005), como un proceso dialógico y formativo que involucra a investigadores y participantes. Anclado en los Nuevos Estudios de Literacidad (Street, 2010; 2014), se evidencia que el proyecto reconoce la autoría, la voz y la experiencia de los sujetos en la producción del conocimiento. A través de conversaciones, talleres y prácticas colectivas de escritura, se observó que el trabajo fomenta el diálogo, fortalece las identidades y amplía el protagonismo social de los participantes.

**Palabras clave:** Literacidad; Escritura; Tecnología; Innovación; Enseñanza-Investigación-Extensión

## INTRODUÇÃO

A extensão universitária no Brasil, conforme a Resolução nº 7/2018 do Conselho Nacional de Educação (CNE), constitui-se como um processo interdisciplinar, político, educacional, cultural, científico e tecnológico que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os diferentes setores da sociedade. Essa concepção dialoga com o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, que assegura a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reforçando o papel da universidade pública na construção de políticas e práticas voltadas à redução das desigualdades sociais.

Nesse cenário se insere o projeto Escrita e Inovação Tecnológica: Produção de Saberes, vinculado ao grupo de pesquisa Letramento, Identidades Sociais e Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL). A proposta aproxima universidade e comunidade, valorizando saberes locais e criando espaços de diálogo sobre leitura e escrita, especialmente com agricultoras familiares que, em sua maioria, tiveram acesso limitado à escrita convencional.

O projeto situa-se na subárea dos Estudos de Linguística Aplicada e ancora-se em uma concepção crítica e situada de linguagem compreendida a partir de situações reais e nas manifestações representativas dos sujeitos. O universo da pesquisa fundamenta-se na compreensão do letramento como práticas sociais múltiplas, ideologicamente marcadas e atravessadas por relações de poder, identidade e cultura. Amparado nos Novos Estudos do Letramento (Street 2010, 2014), o projeto parte do reconhecimento dos saberes populares e da escrita como tecnologia social, articulando universidade e comunidade com vistas ao fortalecimento dos processos de produção de saberes e valorização das práticas das agricultoras do entorno do Polo Agroalimentar da UNEAL.

Como afirma Street (2010), o letramento precisa considerar o conhecimento de mundo que cada indivíduo traz, valorizando experiências sociais, culturais e identitárias. A leitura e a escrita são, assim, reinterpretadas e (re)significadas a partir dessas vivências, permitindo compreender não apenas estruturas textuais, mas também vozes sociais, estilos de linguagem e relações de poder presentes nas práticas discursivas.

Brandão (1985 apud Haguette, 2010) reforça que sujeitos populares não devem ser reduzidos a objetos de pesquisa, mas reconhecidos como produtores de saberes que, embora enraizados no cotidiano, possuem legitimidade científica. Ao valorizar os saberes que emergem das práticas sociais e produtivas das agricultoras, o projeto reafirma sua relevância social e acadêmica, dialogando com práticas languageiras reais e contribuindo para a construção de novos sentidos e aprendizagens.

Dessa compreensão emerge a questão norteadora deste estudo: como a escrita, entendida como tecnologia social, contribui para o fortalecimento dos saberes, das identidades e das práticas sociais das agricultoras familiares participantes do projeto?

O objetivo geral do estudo é analisar as contribuições do Projeto Escrita e Inovação Tecnológica: Produção de Saberes para os processos formativos, sociais e languageiros das agricultoras familiares e dos discentes envolvidos. A partir desse foco, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: Compreender como a articulação entre ensino, pesquisa e extensão se materializa nas ações formativas realizadas no Polo Agroalimentar da UNEAL; Investigar de que maneira práticas de escrita – como rodas de conversa, oficinas e registros – promovem inclusão, expressão e reconhecimento das experiências dos participantes; Analisar as contribuições formativas do projeto para os discentes, considerando diálogo,

interação e o exercício da pesquisa-ação crítica; Examinar como o projeto fortalece saberes locais, identidades sociais e o protagonismo das agricultoras familiares; Refletir sobre a escrita como tecnologia social capaz de transformar experiências, integrar saberes populares e acadêmicos e promover processos formativos emancipatórios.

Partindo dessa perspectiva, o trabalho situa o projeto no campo da extensão universitária e do letramento social, destacando a dimensão social, cultural e ideológica da leitura e da escrita (Street, 2010, 2014) e problematizando a concepção autônoma de letramento, que descola a língua dos sujeitos e de seus contextos.

No modelo ideológico, leitura e escrita são práticas sociais contextualizadas, atravessadas por relações de poder, valores culturais e significados compartilhados pelos grupos (JUNG, 2009). Assim, constituem tecnologias sociais que articulam experiências cotidianas das agricultoras, ampliam participação, fortalecem reconhecimento e ressignificam saberes locais.

A compreensão contemporânea de letramento, segundo Kleiman (1995), rompe com a visão restrita da alfabetização e passa a abarcar os modos como grupos mobilizam a escrita em situações reais. Quando se incorpora a dimensão intercultural, essa perspectiva ganha densidade: práticas de leitura e escrita são culturalmente situadas, ancoradas nos modos de vida e nas formas de interpretar o mundo de cada coletivo. Reconhecer isso exige considerar especificidades culturais na análise e valorização dessas práticas.

Desse modo, o letramento deixa de ser mero ensino formal da escrita e se torna processo dialógico, no qual sujeitos refletem, produzem e compartilham experiências – sejam práticas agrícolas, saberes econômicos ou narrativas de vida – produzindo aprendizagens situadas e significativas. Projetos colaborativos que envolvem a comunidade se mostram estratégicos para fortalecer o letramento intercultural, pois permitem aplicar saberes em contextos reais, culturalmente relevantes.

Nesse cenário, a interculturalidade não é acessória, mas um princípio estruturante do currículo e das práticas pedagógicas, orientando uma educação inclusiva e transformadora. Ela amplia a compreensão do processo educativo e promove respeito à diversidade, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes e engajados.

A universidade, como espaço de encontro de diferentes culturas, desempenha papel central ao criar condições para que discentes participem ativamente dos processos formativos e ampliem sua compreensão do mundo. Projetos como esse favorece a relação entre universidade e comunidade, reafirmando o caráter transformador da extensão ao abrir espaços de sistematização de narrativas, registro de experiências e articulação de saberes acadêmicos e populares.

Assim, o projeto não apenas fortalece as agricultoras familiares, mas também contribui para a formação crítica dos discentes, que aprendem a pesquisar e intervir na realidade com sensibilidade e compromisso social. Trata-se de uma intervenção educativa e social comprometida com a democratização do conhecimento e com a inclusão de sujeitos historicamente silenciados. Nesse movimento, a universidade se abre ao diálogo com o território, valoriza saberes locais e impulsiona práticas de inclusão produtiva, cultural e formativa no polo agroalimentar.

Com abordagem qualitativa e intervencionista, fundamentada na Pesquisa-ação crítica, a proposta segue os pressupostos de Franco (2005); Elliot (1998), rompendo com a lógica verticalizada da pesquisa tradicional e promovendo aprendizagem mútua entre

agricultoras e pesquisadores. Jung (2009) reforça que a reconstrução de identidades ocorre quando sujeitos podem expressar suas experiências em formatos textualizados, participando ativamente da produção do conhecimento.

Por fim, o projeto se ancora em marcos legais que orientam a extensão universitária no Brasil. A Resolução nº 7/2018 do CNE define a extensão como prática integrada de ensino, pesquisa e ação comunitária, articulando saberes acadêmicos e populares. Já o artigo 207 da Constituição Federal (1988) assegura a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reconhecendo a universidade como agente social. Esses princípios dialogam diretamente com os Novos Estudos do Letramento ao defenderem participação ativa, reconhecimento de saberes locais e construção colaborativa do conhecimento.

### METODOLOGIA

Este estudo possui natureza qualitativa, por compreender que os sentidos produzidos no projeto Escrita e Inovação Tecnológica: Produção de Saberes emergem de práticas sociais situadas, interações humanas e processos de significação construídos coletivamente. A abordagem é descritiva e interpretativa, orientada à compreensão das experiências vividas pelas agricultoras familiares e dos processos formativos constituídos no encontro entre universidade, território e saberes locais. A pesquisa foi desenvolvida no período de janeiro a agosto de 2025, no Polo Tecnológico Agroalimentar de Arapiraca, localizado no Povoado Bananeiras, em Arapiraca-AL. Inserido no Parque Tecnológico de Alagoas, o Polo reúne estruturas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar e das cadeias produtivas do Agreste. Nesse contexto, o território não é compreendido apenas como cenário da investigação, mas como espaço epistemológico, no qual práticas de leitura, escrita e produção de saberes emergem, circulam e se transformam.

A metodologia fundamenta-se na pesquisa-ação de orientação crítica Franco (2005), coerente com a natureza extensionista do estudo e com o entendimento de que as agricultoras participantes não são objetos de análise, mas sujeitas produtoras de conhecimento. Essa abordagem compreende o processo investigativo como simultaneamente formativo, interventivo e reflexivo, articulando produção de dados, ação educativa e análise crítica da realidade.

O percurso metodológico organizou-se em dois movimentos interdependentes. O primeiro consistiu na imersão no território e no diagnóstico sociocultural, por meio de visitas quinzenais sistemáticas, observação participante e diálogos informais realizados durante as oficinas de formação vinculadas ao projeto de saúde no campo, organizadas em parceria com lideranças do movimento sindical de trabalhadoras e trabalhadores rurais (FETAG-AL). Essa etapa possibilitou identificar as práticas de escrita já presentes no cotidiano das participantes, como listas de plantio, registros econômicos, anotações de manejo e trocas de saberes, ainda que em formas não escolarizadas.

O segundo movimento correspondeu ao planejamento e desenvolvimento das ações formativas, construídas coletivamente a partir do diagnóstico inicial. As atividades priorizaram gêneros discursivos significativos para a realidade das agricultoras e foram desenvolvidas em rodas de conversa, oficinas de escrita e momentos de reflexão coletiva. Cada atividade constituiu-se como espaço de problematização das práticas letradas, assumindo caráter dialógico, formativo e conscientizador, conforme Freire (1996).

Os dados da pesquisa foram gerados a partir de diferentes fontes: diários de campo, gravações de áudio previamente autorizadas, registros fotográficos, narrativas orais e escritas, além de materiais textuais produzidos pelas próprias participantes ao longo das ações extensionistas. Esses materiais foram organizados em um corpus analítico, considerando sua relação direta com os objetivos do estudo e com as práticas formativas desenvolvidas. Os procedimentos de análise ocorreram em perspectiva qualitativa, interpretativa e dialógica, em consonância com os pressupostos da pesquisa-ação crítica Franco (2005) e dos Novos Estudos do Letramento Street (2010, 2014). Inicialmente, realizou-se uma leitura exploratória do corpus, com atenção às recorrências temáticas, aos sentidos atribuídos à escrita e às formas de uso dos textos no cotidiano das agricultoras. Em seguida, procedeu-se à sistematização interpretativa dos dados, buscando compreender como essas práticas se configuram como letramentos situados, atravessados por dimensões sociais, culturais e produtivas.

As categorias de análise emergiram do próprio material empírico, no diálogo entre dados e referencial teórico, permitindo compreender a escrita como tecnologia social, prática de produção de saberes e instrumento de fortalecimento identitário e organizativo das participantes. Os achados empíricos foram interpretados à luz dos autores mobilizados no estudo, estabelecendo articulação direta entre teoria e dados, de modo a ampliar o potencial analítico da investigação. A etapa final do percurso metodológico envolveu a devolutiva social dos resultados, através da organização de textos coletivos, produção de registros audiovisuais e socialização dos materiais no próprio Polo Tecnológico Agroalimentar, em momentos formativos com as agricultoras. Essa devolutiva reafirma o compromisso ético da pesquisa-ação ao retornar à comunidade os conhecimentos construídos coletivamente. As ações formativas e investigativas respeitaram os princípios éticos da extensão universitária e da pesquisa qualitativa. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e autorizaram voluntariamente o uso dos registros (textos, falas e imagens) para fins acadêmicos. O consentimento foi obtido de forma livre e esclarecida, garantindo autonomia, sigilo e respeito às narrativas compartilhadas. O trabalho realizado adota uma ética de escuta e cuidado, reconhecendo as agricultoras como protagonistas dos processos formativos e valorizando suas produções como parte legítima do conhecimento científico.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados decorrem da análise qualitativa dos dados produzidos ao longo do projeto “Escrita e Inovação Tecnológica: Produção de Saberes”, desenvolvido com agricultoras familiares do Polo Agroalimentar da UNEAL. Ancorada nos Novos Estudos do Letramento, a análise evidencia a escrita como prática social situada, atravessada por relações de poder, identidade e pertencimento. Os achados são organizados em eixos analíticos que revelam movimentos de apropriação da escrita, produção de sentidos e fortalecimento da autoria coletiva no contexto das oficinas pedagógicas.

### ESCRITA COMO AUTORIA E RECONHECIMENTO DE SABERES

As rodas de conversa configuraram-se como dispositivo central tanto do processo formativo quanto da produção dos dados. Nesses encontros, as agricultoras compartilharam produções escritas, memórias e sentidos atribuídos às experiências vividas no território.

A Figura 1 evidencia o processo de autoria coletiva, no qual a escrita deixa de ocupar um lugar estritamente técnico ou escolarizado e passa a funcionar como prática dialógica, situada e relacional.

A análise revela que os textos elaborados carregam marcas das experiências produtivas, das relações familiares e da memória do trabalho no campo. Tal achado confirma que a escrita se constrói em estreita relação com os contextos sociais e culturais das participantes, não podendo ser compreendida como habilidade neutra ou descontextualizada (MARCUSCHI, 2008). Nesse processo identifica-se um deslocamento simbólico relevante: as agricultoras passam a se reconhecer como autoras de sentidos e produtoras de conhecimento, rompendo, ainda que parcialmente, com posições historicamente atribuídas aos sujeitos populares como meros receptores de saberes legitimados pela universidade.

Entretanto, a constituição da autoria não ocorre de forma homogênea nem isenta de tensões. Observou-se que, nos momentos iniciais do processo formativo, a participação oral e escrita era mais contida, especialmente diante da presença da universidade no território. Esse movimento pode ser compreendido à luz de relações históricas marcadas pela assimetria entre saberes acadêmicos e saberes populares, que, por muito tempo, contribuíram para a deslegitimação das experiências dos sujeitos do campo.

Ao longo dos encontros, à medida que se consolidaram vínculos de confiança e que as práticas formativas reafirmaram o reconhecimento dos saberes locais, ampliaram-se os espaços de fala, e autoria. Esse percurso constata que o reconhecimento da autoria se constrói de forma processual, demandando tempo, continuidade e práticas pedagógicas dialógicas e sensíveis ao contexto sociocultural das participantes.

Figura 1 – Roda de conversa sobre saberes e experiências de vida, com apresentações dos registros escritos pelas participantes



Fonte: Autoras (2025).

A partir das discussões realizadas, as participantes avançaram para a sistematização coletiva de suas reflexões por meio da produção de cartazes, nos quais passaram a representar elementos de sua comunidade, história e modo de vida. A Figura 2 evidencia esse momento de materialização visual e escrita dos saberes construídos ao longo das oficinas.

### ESCRITA, TERRITÓRIO E IDENTIDADE: LEITURA DO MUNDO

O avanço do processo formativo conduziu a produção de cartazes e representações visuais das comunidades, conforme apresentado na Figura 2. Ao desenhar, nomear e descrever os espaços onde vivem, as participantes realizaram uma leitura crítica do território, articulando escrita, imagem e memória. Essa atividade evidencia o letramento como prática situada, profundamente imbricada nas relações sociais e culturais dos sujeitos Street (1984; 2010 ).

À luz da concepção freireana de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 9), representar o território configura-se como um ato de reconhecimento e afirmação identitária. Mais do que um exercício gráfico, o desenho e a escrita operam como práticas de autoria e empoderamento simbólico, por meio das quais as agricultoras ressignificam suas relações com o trabalho, a família e a comunidade.

O território, nesse contexto, deixa de ser apenas cenário e passa a ser narrado como espaço de pertencimento, memória e resistência. O gesto de representar o lugar onde vivem ultrapassa o registro visual e assume a dimensão de prática de reconhecimento, na qual o próprio território é compreendido como elemento constitutivo da identidade das participantes. Cada produção implica, assim, um movimento de reivindicação simbólica de seu lugar no mundo, rompendo com processos históricos de deslegitimação dos saberes produzidos fora dos espaços formais de escolarização.

Constata-se, desse modo, que a escrita não apenas registra experiências, mas produz sentidos sobre o lugar que essas mulheres ocupam na sociedade, reafirmando o território como elemento constitutivo de identidade e autoria coletiva.

A articulação entre escrita e representação visual permite compreender a escrita como tecnologia social, capaz de fortalecer vínculos comunitários, valorizar práticas produtivas e promover o reconhecimento social dos saberes locais.

Figura 2 – Apresentação dos cartazes: agricultoras compartilhando as representações de suas comunidades no Polo Agroalimentar



Fonte: Autoras (2025).

Compreende-se, assim, que antes mesmo da decodificação do código escrito, os sujeitos já constroem leituras de mundo a partir de suas experiências cotidianas, refletindo sobre sua realidade e sobre o lugar que ocupam nela. Nesse sentido, é na partilha dessas vivências que o sujeito se constitui como ser histórico e crítico. Ao narrar e ouvir as histórias das colegas, as agricultoras transformam o ato de escrever em um exercício de reflexão sobre si mesmas e sobre o próprio território, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização da cultura local.

As narrativas apresentadas a seguir foram registradas tal como proferidas pelas participantes durante os encontros, e reforçam essa dimensão formativa e emancipatória da escrita:

*“Na minha juventude, eu trabalhei muito plantando fumo, feijão, algodão e outras lavouras e trazia o alimento pra dentro de casa.” (Informação verbal, Participante A)*

*“Meus pais são agricultores, plantava fumo, mandioca, feijão, undu, feijão.” (Informação verbal, Participante B)*

*“Aprendi a suportar e enfrentar a vida no meio de muitas turbulências.” (Informação verbal, Participante C)*

*“Na colaboração, podemos compartilhar conhecimento com outras pessoas.” (Informação verbal, Participante D)*

Evidencia, ao longo do processo, um avanço significativo na confiança das participantes, na organização das ideias e na disposição para compartilhar suas vivências. Esse movimento confirma o entendimento de que o letramento, quando situado e dialógico, fortalece a autonomia e a consciência crítica, permitindo que os sujeitos reconheçam seus saberes como legítimos também no campo científico.

Entretanto, os dados também evidenciam limites do processo formativo, como a insegurança inicial das participantes em relação à escrita e o tempo restrito para aprofundamento de determinadas temáticas, essas tensões revelam marcas históricas de deslegitimação dos saberes populares e reforçam a necessidade de ações formativas contínuas que valorizem experiências prévias e promovam espaços de escuta, autoria e reconhecimento.

De modo geral, os resultados apontam que a escrita, quando concebida como tecnologia social, assume papel central na produção de saberes, no fortalecimento identitário e na construção de vínculos comunitários.

A articulação entre universidade e território, mediada pelas práticas extensionistas, enfatiza o potencial transformador da escrita no cotidiano das agricultoras, reafirmando a extensão universitária como espaço de diálogo, circulação de saberes e compromisso social.

### LIMITES E TENSÕES DO PROCESSO FORMATIVO

Embora os resultados indiquem avanços na confiança, na organização das ideias e na disposição para compartilhar vivências, os dados também revelam tensões constitutivas do processo formativo. A insegurança em relação à escrita, o receio do julgamento e a internalização de discursos de desvalorização dos próprios saberes aparecem como

obstáculos recorrentes. Essas tensões não devem ser compreendidas como falhas do projeto, mas como reflexo de desigualdades históricas no acesso aos letramentos e ao reconhecimento social da palavra dos sujeitos do campo.

Nesse sentido, os resultados reforçam que o letramento, quando concebido como prática social e dialógica, contribui para o fortalecimento da autonomia e da consciência crítica (Kleiman, 1995; Soares, 2004), mas não elimina, por si só, as assimetrias estruturais que atravessam as trajetórias das participantes. A escrita, enquanto tecnologia social, mostra-se potente, porém dependente de políticas formativas contínuas e do compromisso institucional com a valorização dos saberes populares.

De modo geral, os resultados indicam que a articulação entre universidade e território, quando mediada por práticas extensionistas, evidencia o potencial transformador da escrita na produção de saberes, no fortalecimento identitário e na construção de vínculos comunitários. Ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de aprofundamento e continuidade das ações, reafirmando a extensão universitária como espaço de diálogo, circulação de saberes e compromisso social.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desenvolvidas no projeto Escrita e Inovação Tecnológica: Produção de Saberes evidenciam que a escrita, compreendida como tecnologia social, ultrapassa a função de registro e se constitui como prática de reconhecimento, produção de sentidos e fortalecimento identitário. Ao emergir das vivências das agricultoras familiares, a escrita revela-se um instrumento capaz de articular memória, trabalho e território, reafirmando seu potencial emancipatório.

A articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão mostrou-se central para a construção de práticas formativas dialógicas e eticamente comprometidas. Ao deslocar as agricultoras da posição de “objeto” para a de sujeitas produtoras de conhecimento, o estudo contribui para tensionar perspectivas hierarquizantes do saber e reforça a universidade pública como espaço de escuta, diálogo e transformação social.

Do ponto de vista acadêmico, o trabalho dialoga com os Novos Estudos do Letramento ao evidenciar práticas letradas situadas, atravessadas por dimensões culturais, históricas e produtivas, ampliando a compreensão da escrita como prática social no contexto da agricultura familiar. Do ponto de vista social, os resultados indicam o fortalecimento da autonomia, da confiança e do protagonismo das participantes, bem como a valorização dos saberes locais como parte legítima da produção científica.

Embora o processo formativo tenha revelado limites, como o tempo restrito para aprofundamento de determinadas experiências, a experiência analisada aponta para a potência de ações extensionistas contínuas que reconheçam os letramentos cotidianos e ampliem os espaços de autoria e participação social.

O projeto terá continuidade com novas equipes e ações formativas, ampliando os espaços de escrita, a produção de materiais pedagógicos e audiovisuais e a socialização dos conhecimentos produzidos. Conclui-se que a experiência evidencia o papel transformador da extensão universitária e da escrita como prática formativa, capaz de articular saberes populares e acadêmicos, promover inclusão produtiva e contribuir para a redução das desigualdades sociais.



## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2018.
- FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da Pesquisa-ação**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. **Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil**. *DELTA*, v. 31, p. 1-28, 2015.
- HAGUETTE, T. A. de A. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- JUNG, N. M. **A (re)produção de identidades sociais na comunidade e na escola**. Ponta Grossa/PR: Editora da UEPG, 2009.
- KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- STREET, B. V. **Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos**. *Perspectiva*, v. 28, n. 2, p. 541-567, jul./dez. 2010.
- STREET, B. V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.